

O TEMPO E O ESPAÇO DE WERTHER: A VOZ DE UMA CULTURA NO TEXTO LITERÁRIO

THE TIME AND THE SPACE OF WERTHER: A CULTURE'S VOICE IN THE LITERARY TEXT

Aline Wiczikowski Rocha **1**
Catiúcia Carniel Gomes **2**
Márcio Luís Marangon **3**

Resumo: Este estudo, baseado nos pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin, especialmente os apresentados na obra *Estética da criação verbal* (2011), pretende trabalhar o texto literário, especificamente no romance de formação (*Bildungsroman*) *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Johann Wolfgang von Goethe (2014). Tal reflexão ocupa-se em discutir o funcionamento dos gêneros do discurso, observando o texto literário nas dimensões do tempo e do espaço. Para isso, considera-se a relação entre linguagem, história e sujeito, adotando uma concepção de linguagem que verse a construção e a produção de sentidos, assegurada nas relações discursivas. Esse ponto de vista dialógico orienta o percurso analítico e interpretativo do discurso. Trata-se de reconhecer, recuperar e interpretar as articulações enunciativas do discurso empreendido na obra em análise, para chegar à premissa bakhtiniana de que o “homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo [...]” (2011, p. 312), visto que atualiza os gêneros do discurso no interior de uma atividade dialógica.

Palavras-chave: gêneros do discurso; Os sofrimentos do jovem Werther; Goethe.

Abstract: This study, which is based on the theoretic assumptions of Mikhail Bakhtin, especially those presented in the work “*Estética da criação verbal*” (2011), aims to work the literary text, specifically the work *The sufferings of Young Werther*, of Johann Wolfgang von Goethe (2014). Such thinking occupies the working space of the genres of discourse, considering the literary text in the dimensions of time and space. For this, one considers the relation between language, history and subject, adopting a conception of language that sees the construction and the production of sense, secured in the discursive relations. This dialogical perspective guides the analytical and interpretative course of discourse. It is the question of recognizing, of recovering and of interpreting the enunciative articulations of the discourse undertaken in the work in analysis, to reach the Bakhtinian premise that «man in his human specificity always expresses himself ...» (2011, 312), since he actualizes the genres of discourse inside a dialogic activity.

Keywords: genres of discourse; *The sufferings of Young Werther*; Goethe.

Possui graduação em Letras - Licenciatura Plena - pela Universidade de Passo Fundo (2007) e mestrado em Estudos Linguísticos (2010), também pela UPF/RS. Atualmente, é doutoranda do PPGL UPF.
E-mail: aline.wiec@gmail.com

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Mestre em Letras- ênfase em estudos linguísticos pela Universidade de Passo Fundo. Formada em Letras- Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e respectivas Literaturas também pela Universidade de Passo Fundo. Atualmente é Coordenadora Pedagógica do Ensino Médio do Colégio Notre Dame Passo Fundo e professora de Língua Portuguesa na mesma instituição. E-mail: catiucia@notredame.org.br

Possui graduação em Filosofia (URI-2009), Pós Graduação em Gestão Educacional (UFSM-2011), Mestrado em Educação (UPF-2013) e Doutorado em Educação (UPF) - com bolsa de pesquisa PROSUP/CAPES. Atualmente atua como professor de Filosofia e Ensino Religioso, e Coordenador Educacional.
E-mail: mlmarangon@yahoo.com.br

Palavras iniciais

Os textos bakhtinianos são sempre reveladores de possíveis caminhos para se pensar a linguagem, isso dentro de um complexo teórico que envolve também a cultura. Por essa razão, Bakhtin sempre instaura novos diálogos e (res)surge, na visão de Faraco (2001, p. 28), “interessantemente, não como uma curiosidade histórica, mas como um elemento danificador dos significantes portadores de nossas identidades teóricas.” Assim, o pesquisador que se apropria do universo teórico bakhtiniano sempre terá algo a reconstruir, reintegrar, dialogar. Inspirados na proposta de uma interação verbal enunciada na realidade da língua, buscamos apresentar um olhar sobre o texto literário.

Nesse ínterim, a partir de um olhar hermenêutico, traçamos como percurso, primeiramente, fundamentar a noção de gênero do discurso, já que ele é um organizador das atividades humanas e inserir o texto como o meio de experienciar a existência do homem em sociedade. Em seguida, queremos incorporar o contexto sócio-histórico de Goethe e observar como esse autor desdobra o discurso com a relação sociocultural e formativa da época no romance *Os sofrimentos do jovem Werther*. Por fim, nosso olhar volta-se para o modo como a linguagem literária chega à sociedade.

A noção de gênero do discurso

No texto *Os gêneros do discurso*, publicado na obra *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2011) compreende que todas as atividades humanas se vinculam ao uso da linguagem. Desse modo, os integrantes dos diferentes campos da atividade humana, em busca da comunicação, precisam realizar o emprego da língua, que se dá por meio de enunciados concretos e únicos, reproduzindo as condições específicas e as finalidades dos campos em ação. Nas palavras de Bakhtin,

Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (BAKHTIN, 2011, p. 261).

Sendo assim, a linguagem possibilita a interação humana e a constituição social. Cada esfera da comunicação exige diferentes modos de construção de enunciados com suas particularidades inerentes ao convívio social e com finalidades específicas. Nessa perspectiva, três elementos constituem o enunciado, a saber: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Esses, segundo Bakhtin (2011), além de indissolúveis, marcam-se pela especificidade de uma esfera de comunicação, organizada a partir das atividades humanas. Ou seja, a produção do enunciado, embora seja uma atividade individual, envolve um campo de utilização da língua que elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, e esse processo é determinante dos gêneros do discurso.

Assim, as diversidades de formas e de campos da atividade humana ampliam o repertório de gêneros, caracterizando sua heterogeneidade. Nesse sentido, um estudo que pretenda os gêneros do discurso deve considerar as esferas das atividades humanas porque o sujeito é constituído em sociedade. Outro ponto que se destaca no composto teórico bakhtiniano é a advertência de que não se minimize a heterogeneidade dos gêneros do discurso, em vista de classificações apressadas para definir a natureza geral do enunciado. Trata-se, pois, de observar a sua complexidade em relação às esferas sociais em que se manifestam.

Disso resultam duas classificações acerca dos gêneros do discurso, amparadas não pela função comunicativa, mas pela complexidade de sua elaboração. Os gêneros **primários** (simples) são elaborações das situações comunicativas do cotidiano, da espontaneidade, ao passo que os **secundários** (complexos) dizem respeito às situações mais planejadas cuja linguagem, geralmente, é mediada pela escrita.

Ao trabalhar o enunciado concreto, Bakhtin (2011) estabelece as relações da língua com a vida, isso porque a língua só se realiza através desses enunciados e a vida só entra na língua porque acontece a concretização desses mesmos enunciados. Para Bakhtin (2011, p. 271), “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva”. Isso significa

dizer que todo enunciado suscita uma resposta, fazendo com que o ouvinte se torne falante e garantindo o processo de interação social. Esta é uma abstração científica e deve ser compreendida como tal, jamais deve ser apresentada como fenômeno pleno, concreto e real, visto que nem sempre a resposta se dá simultaneamente ou em voz alta; muitas vezes o silêncio também é uma resposta. Assim,

Os gêneros da complexa comunicação cultural, na maioria dos casos, foram concebidos precisamente para essa compreensão ativamente responsiva de efeito retardado. Tudo o que dissemos refere-se igualmente, *mutatis mutandis*, ao discurso escrito e ao lido. (BAKHTIN, 2011, p. 272).

O texto literário mobiliza essa atitude responsiva de efeito retardado, pois os diálogos com o próprio texto se dão, muitas vezes, posteriormente à sua leitura. Dessa maneira, vemos o autor percorrer o texto arquitetando a ideia de que “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.” (BAKHTIN, 2011, p. 272). É o papel ativo do outro no processo de comunicação discursiva. Nesse sentido, Bakhtin (2011) esclarece que a existência do discurso somente é possível em forma de enunciações concretas oriundas dos falantes, esses sujeitos do discurso. Diante disso, “O discurso sempre está fundido em forma de enunciado [...] e fora dessa forma não pode existir.” (BAKHTIN, 2011, p. 274). Ademais, a *oração* apresenta-se como unidade da língua em distinção ao *enunciado* que é considerado pelo autor como unidade da comunicação discursiva.

Oração, portanto, não se delimita pela interação entre os sujeitos do discurso, não contém de forma imediata a realidade extraverbal. Desse modo, não apresenta plenitude semântica, não podendo determinar a posição responsiva do *outro*. O *enunciado*, por outro lado, apresenta-se como unidade do discurso, permitindo e estabelecendo a *atitude responsiva*, por apresentar validade semântica especial. Segundo Bakhtin (2011, p. 282), “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*.” Considerando essa perspectiva, sem os gêneros do discurso ou mesmo de seu domínio, inexistente a comunicação.

Dominar os gêneros capacita o sujeito a pensar na língua e a realizar o livre projeto do discurso. Então, quanto mais familiaridade e domínio se tem sobre os gêneros, mais facilmente se pode empregá-los nas diversas situações comunicativas. Isso porque “a expressividade das palavras não é uma propriedade da própria palavra como unidade da língua e não decorre imediatamente do significado dessas palavras”. (BAKHTIN, 2011, p. 295). Não basta, portanto, dominar o léxico.

Bakhtin (2011, p. 297) afirma que “Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva.” Grande número de pessoas que apresenta um amplo conhecimento em relação a uma determinada língua, sente-se pouco potente em algumas situações por não dominar os gêneros de dadas esferas. A experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. É o que o autor designa como processo de assimilação, pois as palavras dos outros nos surgem carregadas de expressão própria, tom valorativo, e são assimiladas, reelaboradas e reacentuadas. Essa interação na composição dos enunciados revela aquilo que Bakhtin (2011) chama de “tonalidades dialógicas”, ou seja, o processo de interação que existe no nascimento e formação da ideia do indivíduo com os pensamentos dos outros.

Nossa apresentação dos gêneros do discurso está centrada no enunciado enquanto unidade mínima da comunicação discursiva, a língua em uso, proveniente da cultura e das necessidades dos interlocutores dessa cultura, que fazem do gênero um objeto ao mesmo tempo dinâmico e complexo. A heterogeneidade e a maleabilidade do gênero fazem dele um produto das práticas sociais em permanente movimento, e somando os elementos de seu funcionamento (estilo, forma e tema) tem-se o sentido do discurso.

Dadas as considerações bakhtinianas acerca dos gêneros do discurso, consideramos pertinente observar como os subsídios oferecidos por esse filósofo da linguagem podem ser úteis na compreensão e na análise do texto de Goethe. Para tanto, na seção seguinte, faremos uma

breve reflexão referente às ideias do autor sobre o conceito de texto e de enunciado, pretendendo alcançar o conceito de texto literário e as possíveis relações dialógicas.

O texto enquanto possibilidade de análise do homem em sociedade

O texto viabiliza a experiência analítica do homem em sociedade. Considerando o mundo da cultura um grande e infinito diálogo, percebemos que esse diálogo é permitido por meio do texto que se constrói no seio da interação social. O ato de compreensão não pode ser admitido como um ato passivo uma vez que exige uma resposta ativa. Trata-se, pois, de uma tomada de posição frente ao texto.

Bakhtin (2011), ao tratar do problema do texto, coloca em perspectiva o universo da cultura que se manifesta na produção do texto, mediante o contexto histórico da comunicação. O texto, portanto, é considerado como “dato primário”, ou seja, realidade imediata. O ponto de vista que se revela é o de que sem o texto não há investigação das ciências humanas. É, pois, pelo texto que se compreende o pensamento.

Desse modo, as ciências humanas se diferem das ciências naturais: enquanto nas ciências naturais o objeto é previamente dado, nas humanas é o pensamento sobre o pensamento que se opera; e isso só acontece por meio do texto o qual é entendido como “qualquer conjunto de signos” (BAKHTIN, 2011, p. 307). Cumpre destacar que para Bakhtin o signo é socialmente constituído, produto de um sujeito em interação social e histórica.

Em Bakhtin (2011), o sistema de linguagem presente em todo texto representa aquilo que é repetível, no entanto o texto como enunciado é sempre individual e é nele que reside todo o sentido que se atualiza e se modifica a cada discurso. É na cadeia dos textos e em relações dialógicas que os sentidos se estabelecem. Levando em conta que as ciências humanas se dedicam ao estudo da significação, é inerente, portanto, ocupar-se da *compreensão*. Isso justifica-se visto que a *compreensão* trabalha com duas consciências, envolvendo sempre uma dimensão plural e dialógica.

Por assim ser, como isso se dá no texto literário? Em resposta a esse questionamento, ressaltamos as seguintes palavras do autor:

[...] A imagem do narrador na narração na *pessoa do eu*, a imagem da personagem central nas obras autobiográficas (autobiografias, confissões, diários, memórias, etc.), o herói autobiográfico, o herói lírico, etc. Todos eles são mensurados e determinados por sua relação com o autor-homem (como objetivo específico de representação), mas todos eles são imagens representadas que têm o seu autor, o portador do princípio puramente representativo. Podemos falar de autor *puro* para diferenciá-lo de autor parcialmente representado, mostrado, que integra a obra como parte dela. (BAKHTIN, 2011, p. 314, grifo do autor).

Diante disso, notamos no texto literário uma representação do autor que deixa marcas do seu próprio dizer no escopo do texto. Interessa, para nossa análise do texto, a representação do(s) sujeito(s) e a compreensão dessa representação. Nos termos bakhtinianos: “O escritor é aquele que sabe trabalhar a língua estando fora dela, aquele que tem o dom do falar indireto”. (BAKHTIN, 2011, p. 315). A voz do texto literário é uma voz que traz consigo muitas outras vozes, que representa a dialogicidade de discursos anteriores.

O texto literário permite diferentes diálogos, pois a leitura é sempre única e os sentidos constroem-se novamente, a cada novo texto, resultado do ato de compreensão. Para Bakhtin,

Ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e seu mundo, isto é, outro sujeito (“Du”). Na *explicação* existe apenas uma consciência, um sujeito: na *compreensão*, duas consciências, dois sujeitos. Não pode haver relação dialógica com o objeto, por isso a explicação é desprovida de elementos dialógicos. (BAKHTIN, 2011, p. 316, grifo do autor).

O ato de compreender dá ao sujeito, neste caso leitor, uma atitude de resposta. A cada nova leitura, uma nova *compreensão* pode ser empreendida. A partir disso, pode-se dizer, então, que

Um inventário e definição puramente linguística (e ademais puramente descritiva) de diferentes estilos no âmbito de uma obra não pode revelar as suas inter-relações semânticas (nem mesmo as artísticas). É importante compreender o sentido total desse diálogo de estilos do ponto de vista do autor (não como imagem mas como função). Quando se fala em aproximar os meios de representação do representado, subentende-se por representado o objeto e não o sujeito (o tu). (BAKHTIN, 2011, p. 317).

Nesse sentido, na sequência do texto, pretendemos explicitar tais apontamentos de Bakhtin a partir de uma breve análise do contexto de produção e os impactos da recepção da obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, de J. W. Goethe.

Do contexto de uma vida à construção de uma obra

Os sofrimentos do jovem Werther (1774), de Johann Wolfgang von Goethe, uma referência e marco do Romantismo alemão, somado ao interesse de Bakhtin pelos escritos de Goethe, em *Estética da criação verbal* (2011), despertaram nossa atenção para propormos uma interlocução retomando esse célebre texto literário. Tomando-o como objeto investigativo, e em busca de tecer nossas considerações, delineamos, aqui, o contexto histórico-social de Goethe e o deslizamos para a constituição do texto literário em si, a fim de observar como *Os sofrimentos do jovem Werther* se entrelaçam com a própria vida do autor.

Johann Wolfgang von Goethe nasceu em 28 de agosto de 1749, em Frankfurt am Main, (Frankfurt, Alemanha). Seu pai, embora originário das classes mais baixas, foi advogado e conselheiro imperial; sua mãe era filha de um subintendente do estado. Isso significa que Goethe pertenceu, desde a infância, ao pequeno círculo das principais famílias da cidade, conseqüentemente, teve boas condições de vida e acesso à cultura privilegiada da época (BENJAMIN, 2009).

Entretanto, diferente do que se possa imaginar, tais privilégios em sua infância não lhe impediram de desenvolver um olhar crítico perante as condições da humanidade. A partir do contato com os familiares de seu pai, adquiriu noções de uma Alemanha dividida, da massificação das classes mais baixas e dos imigrantes, especialmente os judeus. Paralelamente, tomou conhecimento das transformações sociais e econômicas da Europa do século XVIII, principalmente na França, face à força de expressão do Iluminismo, movimento que se caracterizou por buscar o esclarecimento e a transformação na forma do homem compreender o mundo e a si mesmo (BOMBASSARO, 2009, p. 194). Isto é, “a saída do homem da sua menoridade” (KANT, 1999, p. 100), através do resgate de sua coragem de servir a si mesmo, seguindo, assim, a palavra de ordem: “tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento!” *Sapere aude*.

Todo esse contexto sociocultural interferiu na sensibilidade de Goethe, levando-o a enfrentar a sociedade e seus dogmas através de suas obras. Mas como isso aconteceu? Ao que parece, o marco divisório entre sua “vida” burguesa e a construção de seus textos, que se tornaram símbolos de expressão da sociedade da época, coloca-se em sua relação com Herder. Anos após trancar o curso de Direito em Leipzig, Goethe partiu para a cidade de Estrasburgo, na França, com o intuito de finalizá-lo. Nesse momento, conheceu pessoalmente Herder, que se tornou seu mentor nas artes¹.

Johann Gottfried von Herder (1744-1803), tornou-se um dos principais críticos do Iluminismo e buscou reformular a educação alemã (GÓMEZ, 2011, p.3). Assim, Herder representou o princípio de uma proposta inovadora que propunha a junção entre sentimento (natureza) e razão (Iluminismo) como ideal de formação da alma (CORREIA, 2013)². Tais ideias seduziram Goethe, modificando-o no uso da língua na representação de sua linguagem.

Herder é quem guia Goethe nas reflexões sobre a natureza e a poesia, lapida-o por meio de

¹Herder foi um dos propulsores do Romantismo.

² Os dois pressupostos devem complementar-se em um processo de perfectibilidade, entendendo que o essencial não é a posse, mas sim, a progressão até o final da vida. (NICOLAU, 2014).

diálogos e instruções, como mostram as próprias declarações de Goethe:

É verdade que feriam minha vaidade ao vivo, mas eu sabia apreciar o que podia me esclarecer sobre o perigo das opiniões e das inclinações que tinham alimentado a minha primeira mocidade; também não se passava um só dia sem que eu aproveitasse alguma coisa na sociedade de Herder. Iniciando-me na poesia dos Hebreus, da qual já se ocupava com ardor, e levando-me a recolher os poemas populares da Alsácia, ele me fez compreender que a poesia, longe de ser uma propriedade exclusiva de alguns homens de talento, é o patrimônio universal do mundo e dos povos. Eu devorava tudo o que ele queria me ensinar [...] descobri nele o germe de tudo o que ele fez de extraordinário em seguida, e **aprendi a me apropriar finalmente dos conhecimentos adquiridos, a completá-los e a ligá-los tendo em vista um fim elevado** (GOETHE, 1948, p. 217, grifo nosso).

Por suas próprias palavras, é visível perceber que o processo de constituição de Goethe como autor principia na linguagem literária apresentada por Herder, a qual permite sua reflexão sobre o Iluminismo, bem como aprofundar os ideais pedagógicos em desenvolvimento. Ou seja, a linguagem viabiliza a descoberta do mundo, sua contemplação e o vislumbrar de uma transformação.

A partir disso, juntamente a outros pensadores da época³, há o anseio de confrontar os equívocos do Iluminismo e possibilitar a “ampliação do conflito entre o eu e o mundo, o indivíduo e o estado, proporcionando a eclosão de um individualismo em grau e profundidade como talvez nunca antes se tenha assistido no ocidente.” (CITELLI, 1990, p.11). Desse modo, inicia o Movimento Tempestade e Ímpeto, uma alavanca para desenvolver o Romantismo e praticar o objetivo de resgatar a sensibilidade sufocada pelo excesso de racionalismo, revoluções constantes, idealizando um lugar para as particularidades e pluralidades das nações e dos povos. Nesse caminho, o Romantismo buscou resgatar valores indispensáveis aos seres humanos, como a subjetividade e a unidade com a natureza e com a coletividade humana (LOWY, 1995).

Para atingir tais objetivos, os representantes do movimento acreditavam na necessidade de desenvolver uma formação com um olhar de sentimento profundo sobre a natureza, apostando na recuperação de valores e hábitos cultivados em culturas passadas, a exemplo da *Paideia*, na cultura grega, e na própria cultura alemã antiga.

Para isso, é fundamental pensar em como formar os indivíduos em uma sociedade que restringe o acesso à formação. Mesmo que fosse possível levar a formação aos indivíduos, como escrever de forma acessível às camadas menos cultas da Alemanha?

As considerações de Humboldt (2006) subsidiam alguns encaminhamentos. É esse pensador quem aponta, de forma inicial, através dos *Bildungsromane* (romances de formação), para a possibilidade de juntar literatura e filosofia. Sinalizado o caminho, Goethe trabalha para formar seu estilo e dar contornos ao seu pensamento. Assim, dos poucos aprendizados do curso de Direito, em Leipzig, retoma a importância da escolha de um assunto e da concisão do estilo (GOETHE, 1948, p.165). Quanto ao assunto: queria acompanhar o pensamento do Romancismo e resgatar a sensibilidade humana. O estilo: precisava ser ao mesmo tempo suave, para atingir as camadas menos cultas, e também proporcionar profundidade para atingir as demais camadas sociais.

A influência de Herder reverbera quando Goethe decide aprofundar-se nos escritos homéricos, para compreender como “representar os fenômenos acabadamente, palpáveis e visíveis em todas as suas partes, claramente definidos em suas relações espaciais e temporais” (AUERBACH, 1976, p. 4). Do mesmo modo ocupa-se dos textos bíblicos do Antigo Testamento, nos quais não há “residência”, não há recorde espaço-temporal definido, há indeterminação e provisoriabilidade na maioria dos encontros, principalmente, entre o personagem “herói” e seu Deus. Com isso, Goethe percebe como é importante utilizar aspectos *miméticos* para aproximar o autor e o leitor.

³ Entre os nomes deste movimento estavam Klinger e Schiller, além de Herder. O movimento intitulou-se *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), nome de uma peça teatral de Klinger que abordava temas relacionados à Revolução Americana (MAAS, 2000).

Nesse caso, Goethe destaca-se por compreender ser desnecessário escrever filosoficamente. Para ele, a filosofia já estava contida na poesia (GOETHE, 1948). Todavia, a realidade traçava um paradoxo: a aristocracia pouco se importava com obras que pegassem aspectos contrários à sua classe, uma vez que era adepta ao Iluminismo e seus ideais de expansão e racionalismo; por outro lado, a classe burguesa, principalmente os pequenos burgueses, a quem as obras poderiam interessar com mais facilidade, era inculta e dificilmente demonstraria interesse por obras de difícil linguagem e deslocada de sua realidade espaço-temporal.

Diante disso, Goethe expande seus estilos, decidindo utilizar como parâmetro a própria vida (autobiografia mimética), tanto para trazer um “encanto sensorial” (algo descoberto nas análises dos textos homéricos), como para apontar a possibilidade de autoexpressão e de transmissão das circunstâncias de seu tempo.

Para Bakhtin (2011), Goethe se torna um dos pontos culminantes da capacidade dos autores de descrever a visão do tempo histórico. Condição expressa pela capacidade de:

Ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas mas como todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os indícios do curso do tempo em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). (BAKHTIN, 2011, p. 225, grifo do autor).

Como síntese primeira disso, surge a obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, na qual Goethe capta e transcreve o tempo de sua época. (CITELLI, 1990). Esse livro impacta a Europa, consagrando-se um marco para o Romantismo por suscitar, nos indivíduos de todas as classes, a reflexão sobre o futuro da humanidade. Tendo como precursora a *Nova Heloísa*, de Rousseau, *Os sofrimentos do jovem Werther* surge como expressão de um movimento transformador. Ora, para expressar este mundo, que junta presente, passado e futuro, importa a Goethe a *cultura do olhar*, dessa forma o invisível inexistente. Reiterando a palavra bakhtiniana, “por trás de toda a diversidade estática ele enxergava a diversidade de tempos” (BAKHTIN, 2011, p. 229), analisando o mundo e os indivíduos em transformação, Goethe vislumbra tudo em processo de perfectibilidade, vendo nisso, o que está em formação e preparo. Veja-se:

A simples continuidade temporal (nebeneinander) dos fenômenos era para Goethe profundamente estranha, ele a saturava, a penetrava de *tempo*, descobria nela o processo de formação, o desenvolvimento, distribuía em série o que estava distribuído no espaço por diferentes fases temporais, épocas de formação. Para ele, a atualidade – tanto na natureza quanto na vida humana – se manifesta como uma essencial diversidade de tempos: como remanescentes ou relíquias dos diferentes graus e formações do passado e como embriões de um futuro mais ou menos distante. (BAKHTIN, 2011, p. 229, grifo do autor).

Nesse caso, para Bakhtin (2011, p.239), a intencionalidade de Goethe é apontar que “por trás da totalidade do romance está essa grande totalidade real do mundo e da história”. Por isso, a necessidade de desenvolver uma forma de escrita a partir da qual a relação sujeito-objeto sobressaia-se, de maneira mais visível, possibilitando que a singularidade se coloque por entre a universalidade, utilizando-se dessa para constituir-se e, retornando a ela, para reconstituí-la e melhorá-la. Consoante a Bakhtin (2011, p. 240), acerca dos escritos de Goethe,

a formação do homem apresenta-se de modo diferente. Já não é um assunto particular. O homem se forma *ao mesmo tempo que* o mundo, reflete em si mesmo a formação histórica do mundo. O homem já não se situa no interior de uma época, mas na fronteira de duas épocas, no ponto de passagem de

uma época para outra. Essa passagem efetua-se nele e através dele.

Neste sentido, a obra de Goethe tornar-se-á não somente uma expressão simplória de uma utopia criativa, antes sim, será a expressão da contraposição a tudo o que os equívocos do Iluminismo representavam em sua busca pela Universalidade, pelos imperativos⁴; representavam uma troca de visão: acrescenta-se ao *sapere aude*, o *sentire*, ou seja, não basta ousar saber, desejar saber, para atingir a plenitude da perfectibilidade humana. É preciso também, na visão de Goethe e dos demais românticos, sentir.

Mas teria ele conseguido atingir seu objetivo? Teria Goethe encontrado a fórmula ideal de escrita para chegar ao leitor? E, por fim, qual foi o alcance da obra de Goethe em relação à sensibilidade da sociedade? Disso trataremos na seção seguinte.

Como a linguagem do gênero literário chega à sociedade?

Um dos pontos para se compreender a dimensão dos efeitos da leitura da obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, desde sua época, é o fato de, na atualidade, termos conhecimento do que se denomina *Efeito Werther*, ou seja, a onda de suicídios provocada pela leitura e empatia, seja com o conteúdo expresso no texto, seja pela personagem em si, designou comportamentos do homem em sociedade. Mas o que há de tão marcante nessa obra? Por que ela possibilitou aos jovens perceberem o mundo e a si mesmos de forma diferente?

A primeira característica a se compreender nesse processo está na observação bakhtiniana de que o “homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 312). O texto de Goethe é exímio nessa expressão.

Segundo os pressupostos teóricos de Bakhtin (2011), falamos sempre por meios de gêneros no interior de uma atividade. Então, não para normalizar a tipificação do gênero, mas para situá-lo neste estudo, é importante destacar que o texto de Goethe é um romance constituído por cartas, característica que hibridiza e reforça o caráter heterogêneo dos gêneros do discurso.

Dito isso, na obra, recorrendo à primeira pessoa, Goethe conta a história da personagem Werther, a qual, estando em viagem, narra a seu amigo Wilhelm suas aventuras e desventuras até encontrar a jovem Charlotte, por quem irá apaixonar-se. Contudo, essa jovem está prometida em casamento a outro homem, fato na época basicamente impossível de ser demovido. Isso justificará na obra todo o sofrimento do casal, principalmente de Werther, que ao final do livro acaba cometendo suicídio por não conseguir conviver com o sofrimento⁵.

Nesse contexto, por mais que o fato do suicídio pareça um tanto fatalista, dentro do que o Romantismo buscava confrontar pelo excesso de racionalismo iluminista, a morte de Werther na obra não representou a morte do herói, mas sim sua exaltação. A escolha pela morte representa a escolha de libertar uma vida, entendendo que era anulada, inexistente, nas condições de uma sociedade que se estruturava em torno dos imperativos categóricos iluministas. Dogmas, por assim dizer, que não permitiam que os indivíduos fossem conduzidos por sua natureza.

Na obra, tal situação se põe muito clara quando se recorda que a paixão de Werther (um jovem sonhador em seu princípio de ascensão burguesa) e sua amada Charlotte (personificação do ideal de mulher aristocrática, criada para casar-se e satisfazer seu esposo), por mais recíproca que fosse, era impossível no imperativo de que ela já estava prometida a alguém, mesmo que não o amasse. Ainda mais, por esse arranjo estar vinculado às hierarquias sociais, aos postulados econômicos da ascensão capitalista que começavam a dominar a sociedade nessa época.

Diante de tal cenário, Goethe, através de sua obra, lança à sociedade um questionamento sobre os princípios existenciais e formativos, com respaldos românticos: afinal, por que viver uma vida que não poderia ser em sua plenitude? Tal questionamento ressoa em diferentes lugares. No caso da obra, e Goethe, em diferentes pessoas.

Seguindo a observação de Bakhtin (2011), o sucesso dessa obra está em sua capacidade de ler e expressar os indícios do curso do tempo, tanto quanto a natureza, as regras e as ideias

⁴ Como exemplo, pode-se apontar os *Imperativos Categóricos* buscados por Immanuel Kant.

⁵ Tal fato é similar com uma paixão de Goethe, pois ele também viveu um amor não correspondido por uma moça de nome Charlotte (CITATI, 1996).

humanas, pois assim pode constituir-se como uma obra com tons de profunda realidade, causadora de comoção entre os leitores.

A escolha de Goethe em incorporar a carta na composição do romance demonstra sua capacidade de estabelecer relação volitivo-emocional com seus leitores. Em uma performance de diálogo, provoca uma atitude responsiva perante a obra, trazendo-os para dentro da narrativa. Note-se o início da obra, no prefácio escrito pelo autor, no qual se lê:

Com cuidado e carinho reuni tudo o que pude encontrar sobre a história do desditoso Werther, e nessas linhas que seguem vo-lo apresento, sabendo que não podereis negar ao seu espírito e caráter a vossa admiração e simpatia, como não negareis vossas lágrimas à sua desventura. E tu, alma bondosa, que sentes mágoa semelhante àquela que o oprimia, vê se consegues colher algum consolo dos seus sofrimentos, e deixa que este livrinho seja teu amigo, se é que por destino ou própria culpa não puderes outro mais próximo encontrar. (GOETHE, 2014, p. 45).

Assim é possível perceber que, diferente dos escritos filosóficos/afirmativos, costumeiros no século XVIII, os escritos de Goethe são convidativos quando se abrem a ambientes de empatia. Nesse sentido, um dos marcos de seus escritos será a busca pela autoformação, pela autoconsciência, e nesse caso, ele parece compreender que “a vida interior [...] enforma-se na autoconsciência ou na consciência do outro”. (BAKHTIN, 2011, p. 94).

Isso significa que os escritos de Goethe conseguem projetar as situações para além dos próprios indivíduos. Os problemas do excesso de racionalismo e do menosprezo às questões da natureza humana, da sensibilidade do homem, do plano espiritual, são projetados na curta narrativa da personagem Werther. Curta, porém, muito significativa, pois permite aos leitores identificar-se com a personagem, viajar para fora de si mesmos e, assim, contemplarem-se em seus próprios problemas. Afinal, como menciona Bakhtin (2011, p.97), conseguimos viver empaticamente o sofrimento do outro,

Quando o ser do outro vier determinar de uma vez por todas e indiscutivelmente o *enredo* fundamental de minha vida [...], minha própria vida transparece para mim de modo totalmente diferente da vida do outro; ficará mais que evidente a imponderabilidade estética do enredo de minha vida em seu próprio contexto [...]. (BAKHTIN, 2011, p. 97, grifos do autor).

Assim, ao descrever a angústia da personagem Werther, Goethe possibilitou aos leitores ver a situação da Alemanha, e, por que não, de suas próprias vidas, como em um espelho⁶, fazendo um movimento estético de compreensão do mundo e de si mesmo, e, então, ação e transformação sobre ambos.

Outro possível grande traço dos escritos de Goethe está relacionado ao uso da linguagem mimética, ora agindo como imitação, colocando-se na personagem e usando a própria vida como exemplo do que deve, ou não, ser feito; ora como emulação, lançando-se para além de seu tempo e de sua realidade, apontando caminhos após uma autorreflexão dialética, impulsionado pela forma mimética de escrever.

É mister recordar que o enredo da obra foi escrito inspirado na vida de Goethe e sua paixão por Carlota Buff, mulher de Johann Kester⁷. Quanto ao seu desfecho, foi inspirado no amigo de Goethe, Karl Wilhelm Jerusalém, que viveu situação semelhante, apaixonando-se também por uma mulher casada, e que preferiu tirar a própria vida⁸ a ter que viver sem o seu amor.

6 O que seria de forma embrionária o cerne do conceito de formação *Bildung*, de prefixo *Bild*, que significa moldura, imagem, sendo então *Bildung*, em uma de suas designações, a possibilidade de qualquer indivíduo se autoformar através do exemplo de outros indivíduos.

7 Casal com quem convivia antes e depois da publicação da obra.

8 Inclusive, as pistolas usadas por Jerusalém para tirar a própria vida foram emprestadas, por fatalidade, pelo próprio Johann Kestner.

Com isso, a obra causou um clamor ainda maior, afinal, Goethe parecia solicitar aos leitores um conselho sobre o que deveria fazer: seguir o destino escolhido pelo amigo, Jerusalém, ou seguir o próprio destino, reconstituindo sua vida? Podemos considerar que a escolha do gênero do discurso para o empreendimento da obra promove a participação dos sujeitos nessa esfera de atividade, permitindo que compreendam as ações de Goethe, vertido em Werther, a transformem-se em referência de suas próprias ações.

Dada a compreensão da obra, seus leitores responderam de diferentes modos: muitos passaram a vestir-se como a personagem Werther vestia-se nos momentos anteriores à sua morte, a saber, casaca azul e colete amarelo, anunciando a decisão de seguir a vida e de passar a senti-la de modo mais profundo; outros, tiraram a própria vida, a partir do momento em que descobriram que não eram livres para exercê-la em plenitude. No âmbito contextual, a Alemanha passou a valorizar mais sua cultura e seus escritos e o Romantismo espalhou-se pouco a pouco, provocando uma onda de nacionalismo.

Os sofrimentos do jovem Werther conserva, assim, características do gênero romance biográfico, uma vez que é mobilizador de acontecimentos vitais da trajetória de Goethe. Nas palavras de Bakhtin (2011, p. 214) acerca do romance biográfico, encontramos os elementos constitutivos da representação do gênero. Observe-se:

Apesar da representação da trajetória vital da personagem, sua imagem no romance puramente biográfico carece de uma formação autêntica, de desenvolvimento; modifica-se, constrói-se, forma-se a vida da personagem, do seu destino, mas a própria personagem continua essencialmente inalterada. A atenção se concentra ou nos afazeres, façanhas, méritos, criações, ou na organização do destino vital, da felicidade, etc.

A carta de Werther de 16 de junho de 1771 é um exemplar dos sentimentos do próprio Goethe vivificados pela personagem Werther, a considerar que o próprio autor viveu uma história de romance proibido. Veja-se isso em um trecho da obra:

[...] para encurtar palavras conheci alguém que me interessa o coração. Eu... bem... nem sei ao certo. Seria difícil te contar como cheguei a conhecer uma das mais adoráveis criaturas desse mundo. Estou contente e feliz, e, portanto, sou ruim narrador. Trata-se de um anjo. Ora! Todos dizem o mesmo da mulher que amam, não é certo? Contudo sou incapaz de dizer quanto ela é perfeita. Basta afirmar-te que dominou todos os meus sentidos. (GOETHE, 2016, p. 60).

Essa expressão de sentimentos remete ao conjunto do processo vital da personagem Werther que pode ser encontrado no contexto do próprio Goethe. A personagem do romance desse tipo apresenta características reais positivas e negativas. Saindo, desse modo, da característica do personagem herói.

O estilo de Goethe, vinculado ao gênero do discurso, está amparado pela orientação social de sua época. É em um romance hibridizado por cartas que Goethe transforma sua linguagem em ação literária. Podemos dizer que Goethe projeta o seu interlocutor, influenciando-o pela construção do seu dizer e o colocando em uma atitude responsiva.

Por assim ser, a escrita literária tem o potencial de construir relações dialógicas com diferentes pessoas em diferentes tempos, o que demonstra a complexidade do processo dialógico, que vai além do diálogo estreito entre sujeitos, é o diálogo com a própria cultura que se estabelece sempre e a toda vez que se atualiza, criando novos sentidos em cada leitura do enunciado.

Palavras finais

O gênero literário concentra em si o poder de falar com diferentes leitores em diferentes tempos, o que o torna sempre novo. Novas leituras são possíveis na medida em que o sujeito leitor cria sentidos a partir do lugar em que se encontra. Portanto, o texto literário mobiliza o mundo da

cultura em tempos diferentes: o da escrita e o da leitura.

Nesse sentido, o presente trabalho pretendeu estabelecer um olhar sobre o texto literário, vendo-o como possibilidade de reconhecimento de um contexto que a ele está imbricado, reconhecendo, desse modo, o gênero literário como elemento modificador da sociedade com a qual ele dialoga.

Desse modo, buscamos analisar as reflexões de Bakhtin sobre as questões de enunciado concreto, e observamos que ele é pleno de relações da língua com a vida, visto que a língua só se realiza através de enunciados e, por sua vez, a vida só entra na língua porque acontece a concretização desses mesmos enunciados.

Para aprofundar tais reflexões bakhtinianas, optamos por analisar *Os sofrimentos do jovem Werther*, de J. W. Goethe, um clássico do século XVIII. Seguindo a observação de Bakhtin (2011), é perceptível que o sucesso dessa obra se deve à capacidade de ler e expressar seu tempo, seja em relação à natureza, seja em relação às regras e aos ideais humanos. Isso oportuniza ao texto tons de profunda realidade, causador de comoção entre os leitores de dado tempo e espaço.

Neste contexto, a reflexão de Bakhtin (2011, p. 97) demonstra que conseguimos viver empaticamente o sofrimento do outro, “Quando o ser do outro vier determinar de uma vez por todas e indiscutivelmente o enredo fundamental de minha vida”. Cientes disso, é imprescindível perceber que a heterogeneidade e a maleabilidade da linguagem, sua plenitude de relação com a vida, fazem dela um produto das práticas sociais em permanente movimento. Em razão disso, permitem um movimento estético de compreensão do mundo e de si mesmo, e, então, ação e transformação sobre ambos.

Referências

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Ensaio reunidos**: Escritos sobre Goethe. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2009.

BOMBASSARO, Luiz Carlos. **Paideia e Humanitas enquanto raízes do projeto formativo iluminista**. In, CENCI, Angelo; DALBOSCO, Claudio Almir; MÜHL, Eldon Henrique (Coord.). Sobre filosofia e educação: racionalidade, diversidade e formação pedagógica. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

CITATI, Pietro. **Goethe**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CITELLI, Adilson. **Romantismo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

CORREIA, Jéssica de Souza Cabral. **O pensamento histórico de Herder**. In, BELCHIOR, Luna Halabi; PEREIRA, Luisa Rauter; MATA, Sérgio Ricardo da (orgs). Anais do 7º Seminário Brasileiro de História da Historiografia – Teoria da história e história da historiografia: diálogos Brasil-Alemanha. Ouro Preto: EdUFOP, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. In: **Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas**. Campinas, SP: Pontes: São Paulo: Fapesp, 2001.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Memórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948 (primeira parte).

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

GÓMEZ, B. N. **Conceitos fundamentais para compreender a filosofia da história de Johann Herder**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

HUMBOLT, W. Von. **Linguagem, Literatura, Bildung**. Florianópolis: UFSC, 2006.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. 2.ed. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba - Lins, 1999.

LÖWY, Michael. **Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MAAS, Wilma Patrícia. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre. **Herder: uma proposta de reforma radical na educação**. Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade; v. 19, n. 2 (2014). DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v19i2p83-94>.

Recebido em 2 de março de 2018.

Aceito em 24 de outubro de 2018.